# A REALIZAÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO NO PB E NO PE: RESULTADOS GERAIS DE UM ESTUDO[1]

## THE REALIZATION OF ANAPHORIC DIRECT OBJECT IN BP AND EP: GENERAL RESULTS OF A STUDY

## LA REALIZACIÓN DEL OBJETO DIRECTO ANAFÓRICO EN PB Y EN PE: RESULTADOS GENERALES DE UNA INVESTIGACIÓN

*Niguelme Cardoso ARRUDA*[*]

**Resumo:** Neste artigo, são apresentados resultados de um estudo norteado pela perspectiva teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista, tendo como foco a investigação de um fenômeno linguístico de natureza sintática (a **realização do objeto direto anafórico**) no português brasileiro (**PB**) e no português europeu (**PE**). Os dados para análise foram obtidos de *corpora* organizados a partir de entrevistas veiculadas em programas de auditórios, permitindo, assim, a comparação entre as duas variedades linguísticas, posto que, de um lado, os falantes estariam expostos a situações semelhantes de uso da língua e, de outro, os dados pertenceriam a uma mesma sincronia. Os dados foram submetidos à análise estatística, cujas frequências foram obtidas a partir do programa *GoldVarb X*. Os resultados apontaram para uma alta frequência de **objeto nulo** nas variedades do português, fornecendo evidências de que, resguardadas as diferenças quantitativas, há semelhanças em relação aos contextos que favorecem a realização desse fenômeno linguístico.

**Palavras-chave:** Objeto direto anafórico. Sintaxe do português. Português brasileiro. Português europeu. Variação linguística.

**Abstract:** In this paper, we present results of a study guided by the theoretical and methodological perspective of variationist sociolinguistics, focusing on the investigation of a linguistic phenomenon of syntactic nature (**the realization of anaphoric direct object**) in Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP). The data for this analysis were obtained from corpora organized from talk shows interviews, thus allowing the comparison between the two linguistic varieties, on the one hand, the speakers would be exposed to similar situations of language use and, on the other, these data belong to a same sync. The data were statistically analyzed, which frequencies were obtained from the GoldVarb X Program. The results pointed out a

[1] Este artigo apresenta uma síntese de parte do estudo desenvolvido pelo proponente em sua tese de doutorado intitulada "A realização do objeto direto anafórico em línguas românicas: um estudo sincrônico no português e no espanhol".

[*] Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP-Araraquara, professor de Língua Portuguesa do IFSC-Campus Criciúma. Contato: nigcardoso@hotmail.com

high frequency of null object in varieties of Portuguese, providing evidence that, safeguarding the quantitative differences, there are similarities in relation to the contexts favoring the realization of this linguistic phenomenon.

**Keywords**: Anaphoric direct object. Portuguese syntax. Brazilian Portuguese. European Portuguese. Linguistic variation.

**Resumen:** En este trabajo, se presentan los resultados de un estudio orientado desde la perspectiva teórica y metodológica de la Sociolingüística Variacionista, centrándose en la investigación de un fenómeno lingüístico de naturaleza sintáctica (la realización del **complemento directo anafórico**) en el portugués brasileño (PB) y en el portugués europeo (PE). Se obtuvieron los datos desde *corpora* dispuestos de entrevistas en tertulias televisivas, para que fuera posible la comparación entre las dos variedades lingüísticas, ya que, por un lado, los hablantes están expuestos a situaciones similares de uso de la lengua y, por el otro, los datos pertenecen a la misma sincronía. Se analizaron estadísticamente los datos, cuyas frecuencias se obtuvieron desde el programa *GoldVarb X*. Los resultados indicaron una alta frecuencia de complemento directo nulo en las dos variedades del portugués, proporcionando evidencia de que, salvaguardando las diferencias cuantitativas, hay similitudes en relación con los contextos desde el cual se realiza este fenómeno lingüístico.

**Palabras clave:** Complemento directo anafórico. Sintaxis del portugués. Portugués brasileño. Portugués europeo. Variación lingüística.

## Introdução

Vários estudos linguísticos tiveram, sobretudo ao longo das últimas quatro décadas, sua atenção voltada ao processo de variação e mudança por que passou/passa a língua portuguesa.

Esse "novo" olhar dado aos fenômenos da língua tem, cada vez mais, contribuído para a compreensão da complexidade linguística que envolve o português brasileiro (PB), chegando, alguns, a sustentar a hipótese de um distanciamento paulatino e significativo entre as variedades brasileira e europeia do português (PE).

Os que defendem essa hipótese pautam-se, sobretudo, no fato de que a distinção causada entre essas variedades do sistema linguístico português se deu em função de, ao longo do tempo, o PB ter adquirido, em sua formação, características que foram capazes de lhe atribuir uma estrutura morfossintática que o distinguisse do PE. Dessa forma, os falantes brasileiros passaram a vivenciar uma realidade

linguística composta por construções cada vez mais comuns à sua realidade, diferenciando-se da realidade lusitana, constituindo-se, dessa forma, como aponta Tarallo (1996), uma gramática para o português "d'aquém-mar" distinta da gramática do português "d'além-mar".

Partindo dessas observações, a proposta deste estudo foi, sustentado pelos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, estabelecer uma análise descritivo-analítico-comparativa da realização do objeto direto anafórico, enfocando, principalmente, o uso de pronomes pessoais com a respectiva função e a realização do objeto nulo.

A discussão encontra-se assim distribuída: à introdução, segue a seção em que são apresentados os pressupostos teórico-metodológicos aqui adotados.

Na segunda seção, estão apresentadas algumas considerações sobre o objeto direto anafórico no PB e no PE, no intuito de elencar características identificadas por estudos linguísticos para esse fenômeno sintático, de modo a nos auxiliar na análise dos dados constituidores de nossos *corpora*.

A seção seguinte é dedicada à análise dos dados. Em função da natureza quantitativa da pesquisa, utilizou-se o programa estatístico *GoldVarb X* para a obtenção das frequências.

Após a análise, são apresentadas as considerações finais.

## 1 A realidade social da língua: o que tem a dizer a Sociolinguística Variacionista?

O reconhecimento de que a língua é um fenômeno social perpassa o pensamento linguístico desde o firmamento da Linguística no campo das ciências modernas, mesmo que tal reconhecimento não venha a se constituir objeto e centro de investigação de algumas perspectivas teóricas.

Sendo considerada, então, como social, e se se considera que a organização social se dá a partir da heterogeneidade de comportamentos e de atitudes dos indivíduos integrantes de uma comunidade, é possível entender que essa diversidade se refletirá na língua, apresentando, assim, uma tendência à variabilidade.

Conceber, então, a língua como fruto dessa diversidade significa relacioná-la,

> [...] ao comportamento lingüístico de uma dada coletividade, aos padrões lingüísticos que se observam dentro dessa coletividade; padrões esses que são variáveis, donde a sua adequada representação como um sistema heterogêneo (LUCCHESI, 2004, p. 196).

Em que pesem os avanços da teoria linguística desde princípios do século XX, foi apenas na segunda metade desse século que a concepção de língua como sistema variável ganhou maior espaço, graças às considerações de Weinreich, Labov e Herzog (1968), que refletem sobre a necessidade de serem incorporados à análise linguística o contexto social em que a língua se constroi e suas funções sociais.

Seguindo essa concepção, a língua deixa, então, de ser vista como "**um sistema homogêneo, unitário e autônomo**" (LUCCHESI, 2004, p. 157, grifos do autor), passando a ser concebida como um sistema heterogêneo, tendo a mudança linguística não como algo exterior ao sistema, mas como elemento decorrente de sua heterogeneidade.

Nesse sentido, o modelo teórico-metológico proposto por Weinreich, Labov, Herzog (1968) e Labov (1972, 1982, 1994, 2001) toma como ponto de partida para a investigação linguística a existência de variação no interior do sistema linguístico, podendo tal variação resultar (ou não) em mudança. Em consequência disso, o sistema linguístico deixa de ser visto como uma estrutura homogênea, na qual a mudança se processa de forma assistemática, passando a ser encarada, nesse novo modelo, como inerentemente heterogênea, sendo a mudança processada de forma sistemática. E é justamente com o objetivo de "[...] processar, analisar e sistematizar o universo aparentemente caótico da língua falada [...]" (TARALLO, 2002, p. 5), verificando, a partir de investigação empírica, a relação existente entre os padrões linguísticos e sociais, que se desenvolverão os estudos alicerçados nos princípios teóricos da Sociolinguística Variacionista.

O estudo da variação linguística pautado em aspectos sociais possibilitará, portanto, como argumenta Labov (2008, p. 151-152), a

investigação das estruturas linguísticas variáveis, uma vez que, vistas sob a ótica social, proporcionar-se-á a "[...] comprovação empírica para resolver análises estruturais alternativas no nível funcional, dando soluções empíricas a problemas que, de outro modo, permanecem insolúveis". Sustenta-se ainda o referido estudo no fato de as estruturas variáveis estarem "[...] definidas por métodos quantitativos que permitem os estudos detalhados de mudanças lingüísticas em progresso".

No entanto, para o desenvolvimento de pesquisas dessa natureza, que focalizam o estudo da língua na vida cotidiana, Labov (2008) afirma ter existido uma grande quantidade de obstáculos de caráter ideológico bloqueando, assim, a possibilidade de se desenvolverem estudos linguísticos de base empírica. Frente a esse desconforto ideológico em relação aos estudos linguísticos, foi, então, proposto um novo modelo teórico-metológico, ao qual se denominou Sociolinguística, tendo como ícone representativo o linguista norte-americano William Labov. Esse modelo apresenta, então, como proposta não apenas a compreensão da estrutura linguística em sua natureza representacional, mas que também fossem compreendidos

> [...] outros elementos variáveis que são percebidos ao nível da consciência do falante, pois incorporam uma determinada função na atividade linguística (refletem a escolha estilística, identificam socialmente o falante etc.) (LUCCHESI, 2004, p. 183).

Ou, nos termos de Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 125),

> a estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas.

Uma vez que se aceita essa perspectiva como constituidora da língua, paralelamente se aceita a hipótese de que a heterogeneidade linguística é o reflexo da própria heterogeneidade social, estando as diferenças no uso das variantes linguísticas em relação com os diversos grupos socias, assim como com a sensibilidade que esses grupos mantém em relação à(s) norma(s) linguística(s).

Assumindo, então, como ponto de partida os pressupostos da teoria laboviana, este estudo se propôs a verificar como se processa a realização do objeto direto anafórico nas variedades europeia e brasileira do português, na tentativa de compreender os fatores que sistematizam a expressão variável desse fato sintático.

## 2 Objeto direto anafórico no português

Em seu estudo pioneiro acerca do fenômeno variável do OD anafórico, Duarte (1986), em uma perspectiva sincrônica, verificou a existência de 06 (seis) formas variantes para o referido fenômeno, a saber: pronome clítico, pronome tônico, pronome demonstrativo, SN anafórico pleno, SN anafórico com determinante modificado e categoria vazia (aqui denominado objeto nulo). Dentre as formas variantes apontadas pela linguista, verificou-se que a preferida pelas gramáticas normativas (o pronome clítico) era a menos frequente entre os falantes e que a empregada com maior frequência era o objeto nulo. Estudos que seguiram ao de Duarte (1986) corroboraram suas conclusões.

Em estudo desenvolvido sob a (e orientado pela) perspectiva diacrônica, Cyrino (1997) diagnostica que, já no século XIX, o uso de objeto nulo oracional (cf. (1)) atingia índices percentuais bastante altos: 83,9%; chegando, no século XX, a 90%. Segundo a pesquisadora, a posição nula com antecedente oracional é a primeira a ser atingida no processo de mudança (CYRINO, 1997, p. 246), permitindo, então, hipotetizar que a elipse sentencial se constitui no contexto de abertura para a implementação do objeto direto nulo no PB.

**(1)** justamente por esse meu problema de equilibrar as refeições eu evito comer na rua sabe eu evito **ø** justamente porque como eu tenho essa regularidade de alimentação (NURC – Rio de Janeiro / DID-328)[2]

[2] Exemplo extraído de Arruda (2006).

Também nos casos em que o OD anafórico tem seu antecedente na forma de um SN, a variante que se mostra mais produtiva entre os falantes do PB é o objeto nulo (cf. (2)), chegando a atingir um índice bastante superior à soma das demais formas variantes (cf. ARRUDA, 2006 e 2012). Estudos anteriores, dentre os quais o de Duarte (1986 e 1989), o de Cyrino (1999), o de Freire (2000) e o de Matos (2005), também desenvolvidos a partir de dados da modalidade falada da língua, apontam para essa preferência dos falantes pelo uso do objeto nulo como estratégia de realização do objeto direto anafórico no PB.

**(2)** guardar o dinheiro no banco é a coisa mais fácil desde que se tenha o dinheiro a ser guardado [...] claro se houver sobra o banco aceita **ø** de muito bom grado (NURC – São Paulo / DID-250)[3]

Como forma concorrente da variante nula do OD(SN), verifica-se, sobretudo na fala de informantes mais escolarizados, a realização do OD por um SN (conforme exemplificado em (3)). Vale ressaltar que nenhuma dessas variantes (OD nulo e SN) são tidas como estigmatizadas.

**(3)** O colarinho... Antigamente, o colarinho duro era ele tinha essa consistência devido à quantidade de goma empregada [...] quando havia quem fosse capaz de passar **o colarinho** e ficar impecável; mas isso foi desaparecendo. (NURC – Salvador / DID-159)[4]

No que se refere à variante pronome clítico, Duarte (1989) argumenta que o índice mais elevado de casos em que se daria seu uso seria aproximadamente o de **5%**, em se tratando de falantes com formação superior. Tal argumento é confirmado por estudos que seguem ao da linguista, dentre os quais o de Freire (2000), o de Silva (2004), o de Matos (2005) e o de Arruda (2006 e 2012).

Ao analisar a frequência dessas variantes a partir de um cruzamento com alguns grupos de fatores, Duarte (1986 e 1989)

[3] Exemplo extraído de Arruda (2006).
[4] Exemplo extraído de Arruda (2006).

verificou que o traço semântico do antecedente [± animado] se mostra relevante para o preenchimento ou não da posição do objeto direto, principalmente em se tratando do preenchimento por uma forma pronominal (clítica ou tônica). Nesse sentido, a maior frequência de formas pronominais na posição de OD se dá nos casos em que seu antecedente apresenta o traço [+ animado].

Cyrino (1997), em seu estudo diacrônico, verificou, no percurso de expansão do objeto nulo no PB, que, depois dos casos em que se tem o antecedente oracional, o próximo contexto a atingir maior frequência é aquele em que se tem um antecedente com o traço semântico [-animado], contexto que, de acordo com a linguista, não é favorável à ocorrência desse fenômeno.

Os resultados obtidos por Arruda (2006) mostram que a frequência da variante OD nulo tendo um antecedente com o traço semântico [+animado] superaram significativamente os apontados por Cyrino (1997). Ressalta-se, contudo, que o *corpus* organizado por esta linguista tomou por base textos escritos, apesar do caráter popular desse material. Isso permite, então, pensar que as distinções quanto à natureza semântica do antecedente não se mostram mais tão determinantes para a expressão nula do OD(SN).

É possível, a partir dessas considerações, sistematizar o percurso que o objeto nulo seguiu até que sua implementação fosse completada: OD com antecedente oracional > OD(SN) com antecedente [-animado] > OD(SN) com antecedente [+animado].

O contexto acima esboçado permite perceber, em relação ao OD nulo, que o PB, ao contrário do PE, apresenta poucas restrições para sua ocorrência, fato que defendem alguns estudos, dentre os quais Galves (2001), Cyrino (1997 e 2001), Raposo e Kato (2005). Na variedade europeia, o OD nulo, de acordo com Raposo (1986), é uma variável (nos termos da Teoria Gerativa)[5], resultado de um vestígio, e possui características anafóricas tais que seu conteúdo pode ser recuperado no contexto linguístico ou pragmático. Dentre as restrições

[5] De acordo com Raposo (1992, p. 148-149, grifos do autor), "uma forma variável é essenvialmente um argumento desempenhando uma função lógico-gramatical. Como tal, apenas pode ocupar uma posição A, e não uma posição A'." Dessa forma, uma variável pode ser definida como "uma categoria vazia numa *posição A* localmente ligada por uma categoria em posição não-A (A')".

para a ocorrência de OD nulo no PE, Raposo (1986) apresenta os seguintes contextos: i) NP complexo; ii) sujeito sentencial; iii) extração de adjuntos; iv) construções de ilhas WH-; v) filtro de COMP preenchido duplamente; e vi) lacunas parasíticas[6].

Ainda em relação ao OD nulo no PE, Cyrino (1997, p. 205), a partir da análise de Raposo (1986), afirma que, nessa variedade do português, "a reconstrução está presente no caso de objeto nulo, quando seu antecedente é não-específico/não referencial", o que permitiria associar esse tipo de construção à elipse sentencial. A linguista diz ainda que, a exemplo do PB, o PE também apresenta OD nulo "quando o antecedente é um NP não específico/não-referencial", elipse de VP e elipse sentencial (CYRINO, 1997, p. 209-2010).

Esboçadas algumas características do OD anafórico no português, são apresentados os percusos metodológicos trilhados por este estudo.

## 3 Delineando percurso para a organização dos *corpora* e para a análise dos dados

O desenvolvimento de estudos de natureza empírica pressupõe a organização de um *corpus* representativo, seguindo critérios que permitam o desenvolvimento coerente de análises, a fim de sustentar ou refutar as hipóteses do pesquisador. Em se tratando de um estudo linguístico (quer da língua em sua modalidade oral, quer em sua modalidade escrita), essa amostra deve possibilitar ao linguista a observação de como se comportam os usuários de determinada língua em relação a fenômeno(s) que se proponha a estudar.

Em se tratando de estudos linguísticos que tomam como base o modelo teórico-metodológico da Sociolinguísitca Variacionista, proposto por Weinreich, Labov e Herzog (1968), Labov (1972, 1982, 1994, 2001), a base empírica que garantirá ao linguista o desenvolvimento de sua investigação se organiza, prioritariamente, a partir de amostras da língua em sua modalidade falada (principalmente nas já conhecidas entrevistas espontâneas), uma vez que, de acordo

[6] Por fugir aos objetivos deste estudo, esses contextos não serão aqui discutidos. Para tanto, reporto o leitor a Raposo (1986).

com esse modelo teórico-metodológico, é nessa modalidade de língua que poderão ser observadas as primeiras variações linguísticas.

Nesse sentido, dada a natureza descritivo-analítico-comparativa deste estudo – uma vez que se propõe a investigar um fenômeno linguístico de natureza sintática (a saber, a realização do objeto direto anafórico) em duas variedades de língua (português brasileiro, português europeu) – fez-se necessária, mais que a organização de um *corpus* de uma determinada língua (ou variedade linguística), a organização de *corpora* representativos das variedades linguísticas em estudo que permitissem, principalmente, o estabelecimento da comparação entre tais variedades.

Para que fosse, então, possível o desenvolvimento da comparação, a constituição dos *corpora* tomou como princípio o pressuposto de que os falantes estariam sujeitos a situações semelhantes de produção de fala, uma vez que a organização de cada amostra deveria seguir os mesmo critérios (ou pelos menos critérios semelhantes).

Dada a dificuldade de se encontrar para as variedades em estudo amostras linguísticas organizadas de modo que permitissem estabelecer uma comparação fiável, surgiu, então, a necessidade da organização dos próprios *corpora*. Tal organização se deu, então, a partir entrevistas dadas em programas de auditório veiculados por emissoras de televisão de canal aberto e de circulação nacional nos países usuários das variedades acima referidas. Tal escolha se justifica pelo fato de esse gênero apresentar, em sua estrutura, uma rica variedade de perfis de falantes: informantes de ambos os sexos/gêneros, de idades diferentes e de diferentes níveis sócio-econômicos, possibilitando, dessa maneira, uma melhor observação dos níveis de variação.

O trabalho com o gênero aqui denominado programas de auditório permitiu, ainda, verificar o uso linguístico, seguindo os passos de Duarte (1989, p. 20), em um registro de fala que atinge os países de ponta a ponta, exercendo sobre a comunidade linguística, simultaneamente, uma força inovadora e normalizadora.

Nessa mesma linha de pensamento, Ávila (1999), referindo-se não só à televisão, mas também ao rádio, afirma que se constituem em meios de comunciação de massa que contribuem para a difusão de uma

língua, da mesma forma que para sua consolidação como língua nacional, **contribuindo para a normalização das línguas** que transmitem. Essa afirmação toma como ponto de partida os dizeres de Dua (1985, *apud* ÁVILA, 1999, p. 77), ao sustentar a ideia de que

> Os meios orais de difusão [...] superam a barreira do analfabetismo e, ao fomentar o conhecimento, promovem a participação e o desenvolvimento sustentável. [...] A televisão, cada vez mais comum, a exemplo do que acontece com o radio, permite que as mensagens cheguem instantaneamente aos lugares mais distantes, buscando, assim, cobrir áreas mais extensas. Não obstante sua importância [...], o uso da linguagem nesses meios tem sido considerado suficiente dentro da política linguística da maioria dos estados."[7]

Uma vez delimitado o contexto do qual se organizou os *corpora* deste estudo, passa-se à organização dos dados analisados. Para tal, foram considerados, para este estudo, apenas os casos em que o objeto direto tem como antecedente um sintagma nominal (OD(SN)), distribuídos conforme suas formas variantes[8]:

3 não realização lexical do objeto (objeto nulo):

**(4)** É a mesma coisa que... essa mania de deitar abaixo monumentos de pessoas que não... que não... não merecem o nosso respeito ou consideração, eu acho isso importante, esses monumentos e fotografias de homens de estado que foram maus, mas é bom que estejam num sítio onde nós possamos olhar **Ø** e dizer assim: olha

[7] Nossa tradução de: "Los medios orales de difusión […] superan la barrera del analfabetismo, y al fomentar el conocimiento promoven la participación y el desarrollo sustentable. […] La televisión, cada vez más extendida, a ejemplo de lo que pasa con la radio, permite que los mensajes lleguen instantáneamente a las aldeas más apartadas, buscando, así, cubrir areas más extensas. No obstante su importancia […], el uso del lenguaje en esos medios no ha sido considerado suficiente dentro de la política lingüística de la mayoría de los estados."

[8] As estratégias de realização aqui apresentadas seguem a proposta de Duarte (1986 e 1989). Para a realização do objeto direto em forma de pronome, só se considerará o que estiver em função de objeto direto, excluindo-se desse grupo os que, porventura, apresentarem função reflexiva.

o que este fez, mas ninguém deve fazer. Acho que é importante. O apagar a História é um erro crasso. (PE.F.06.09)[9]

- realização por meio do uso de pronome clítico:

**(5)** Mas o negócio do Célio que eu tava te contando, o negócio do sotaque, ele foi homenageado em Itu na volta né e o prefeito se reuniu com o pessoal pra homenageá-**lo** (PB.H.07.03)

- realização por meio do uso de pronome tônico (lexical):

**(6)** (nesse primeiro caso, leucemia, anemia falciforme, são crianças que fazem tratamentos pesados, distúrbios relacionados ao sangue, né, então passam por um tratamento hospitalar é, muito pesado. Então assim, a gente leva **elas** pra lá, é um ambiente livre né (PB.M.04.03)

- realização por meio do uso de pronome demonstrativo:

**(7)** (eles têm, são ricos numa substância chamada caroteno, beta caroteno, e agente utiliza **isso** na dermatologia pra aumentar a resistência em relação ao sol (PB.M.02.09)

- realização por meio do uso de sintagma anafórico pleno:

**(8)** (Fez o conservatório, que são nove anos, em três. E, portanto, quan... com quinze anos tinha **o conservatório** tirado. (PE.F.05.06)

- realização por meio do uso de sintagma anafórico com determinante modificado:

**(9)** (quando nos acontece uma coisa má, nós, como primeira reação, ficamos desagradados. Depois, quando conseguimos vencer **essa coisa má** e transformá-la numa coisa melhor, nós ficamos satisfeitos por ter passado pela coisa má. (PE.M.06.04)

Depois de levantados, analisados e codificados, os dados foram submetidos à análise estatística, tendo suas frequências brutas

[9] Os exemplos de **4** a **9** foram extraídos de Arruda (2012).

obtidas a partir do programa estatístico *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Feitas essas considerações, passa-se à análise dos dados.

## 4 Análise dos dados: o que eles nos têm a dizer?

A reflexão em torno dos dados (e, consequentemente, dos resultados obtidos), possibilita a verificação de semelhanças e/ou diferenças entre as variedades linguísticas aqui consideradas.

Os dados que constituem os *corpora* deste trabalho foram obtidos a partir de uma média de 05 (cinco) horas de gravação de programas de auditório veiculados no Brasil e em Portugal. Buscou-se, ainda, distribuir, de forma mais equilibrada possível, o tempo de gravação entre os informantes, de acordo com seu sexo/gênero. O quadro abaixo permite uma melhor visualização dessa distribuição.

**Quadro –** Organização dos *corpora*, tempo de gravação e distribuição das ocorrências, de acordo com a variedade linguística

| Variedade | Tempo de gravação | Número de ocorrências | Número de informantes |
|---|---|---|---|
| PB | 5h36'17" | OD SN – 227 | Homens – 11<br>Mulheres – 10 |
| PE | 5h08'28" | OD SN – 285 | Homens – 18<br>Mulheres - 17 |

**Fonte**: Elaboração própria

Ao levantamento, codificação e quantificação dos dados, seguiu-se a análise dos resultados obtidos para os *corpora* deste estudo. A tabela apresentada a seguir possibilita uma visualização geral da distribuição das variantes do OD(SN), tanto no PB quanto PE.

**Tabela –** Resultados gerais para a realização das variantes de OD(SN) no PB e no PE

| Variantes | Variedades | | | |
|---|---|---|---|---|
| | PB | | PE | |
| | Quant. | % | Quant. | % |
| **Nulo** | 146 | 64,5 | 163 | 57 |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| **Clítico** | 07 | 3 | 71 | 25 |
| **Pron. Lexical** | 15 | 6,5 | 02 | 0,7 |
| **SN Pleno** | 39 | 17 | 24 | 8,5 |
| **SN c/ Det. Modificado** | 13 | 6 | 12 | 4,3 |
| **Demonstrativo** | 07 | 3 | 13 | 4,5 |
| **TOTAL** | 227 | 100 | 285 | 100 |

**Fonte:** Elaboração própria

Os dados apresentados na tabela acima permitem verificar que, tanto no PB quanto no PE, o objeto nulo (cf. (81) e (82)) é a forma preferida pelos falantes para a realização do OD anafórico, tendo um SN como antecedente: a frequência verificada para o PB é de 64,5%, ao passo que para o PE essa frequência é um pouco menor: 57%. O resultado verificado para essa variante – ainda que com um percentual um pouco superior no PB – supera, tanto em uma quanto em outra variedade, a soma das demais variantes consideradas no estudo.

Em relação ao PB, esses índices convergem com os identificados por outros estudos, quer orientados pela perspectiva variacionista – como os de Duarte (1986 e 1989), Matos (2005) e Arruda (2006 e 2012) –, quer pela perspectiva gerativista – como o de Cyrino (1999) –, ou ainda pela perspectiva da Sociolinguística Paramétrica – como o de Freire (2000). No entanto, chama-nos a atenção a alta frequência dessa variante no PE.

Passando agora o foco às variantes **clítico** e **pronome lexical**, os índices verificados para as variedades do português não apresentam igual semelhança.

No que diz respeito à primeira variante (forma prescrita pela Gramática Tradicional, portanto tida como de maior prestígio linguístico), os índices identificados se distanciam bastante quando comparadas as duas variedades do português: 3% no PB e 25% no PE. Em relação ao PB, tal frequência já era esperada, uma vez que se assemelha aos índices verificados por Arruda (2006 e 2012) e confirma a afirmação de Duarte (1986 e 1989) de que o índice de uso de clíticos na posição de objeto direto, em se tratando do uso feito por falantes

com maior grau de escolaridade, seria de aproximadamente 5%[10]. No entanto, ainda que bastante superior à frequência do PB, não se esperava, para o PE, uma frequência inferior à identificada para a variante OD nulo.

Em relação ao uso do pronome lexical como manifestação do OD anafórico no PB, ainda que aponte para uma frequência baixa (6,5%), é possível verificar que esse índice supera o dobro do identificado quando se trata de um clítico. Em relação ao PE, ainda que os dados apontem para uma frequência inferior a 1% (apenas duas ocorrências), essa frequência pode ser, de fato, considerada zero, dados os casos em que se dão. Ambas se dão em contexto em que se tem, nos dizeres de Duarte (1986 e 1989), uma estrutura complexa, ou seja: verbo + objeto direto + infinitivo verbal (oração infinitiva) (cf. (10) e (11)).

**(10)** Eu acho que de... é de gostar e de... eu fico doido... agora, com o Youtube, eu já vi tudo o que há dela. Já vi **ela** cantar em TelAviv (PE.F.09.06)

**(11)** a Amália, como não se ouvia, cá está a história, nunca se encheu dela, nunca achou que ela era extraordinária, mais tarde tinha descoberto o... casualmente ouviu **ela** cantar uma canção francesa (12.12)

Nesse sentido, o que se verifica é uma construção subordinada, em que "ela cantar em TelAviv" e "ela cantar uma canção francesa" encaixam-se às forma verbais "vi" e "ouvi", respectivamente, funcionando sintaticamente como objeto direto[11]. Tal fato nos leva a perceber que à forma pronominal "ela" não está reservada a função de objeto direto, mas de sujeito dos referidos infinitivos verbais.

[10]Em estudo anterior aos de Duarte, Omena (1978) já aponta para o "desaparecimento" de clíticos acusativos de terceira pessoa no **PB**.

[11] Nos termos da Gramática Tradicional, uma oração subordinada substantiva objetiva direta, reduzida de infinitivo.

## Palavras finais

Chegar à conclusão de um estudo não significa, contudo, que tenham sido finalizadas as possibilidades de investigação. Nesse sentido, o estudo que aqui se finaliza não tem a pretensão de esgotar as reflexões que cercam este fenômeno linguístico que intriga – e, por que não dizer, instiga – muitos linguistas, filiados a diferentes modelos teórico-metodológicos: o **objeto direto anafórico**.

Norteado, então, pelo arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, a proposta deste estudo foi verificar, numa perspectiva sincrônica, a realização do **objeto direto anafórico** no PB e no PE.

Como a proposta era estabelecer um estudo descritivo-analítico-comparativo, a base empírica da investigação deveria, pois, ter seus *corpora* constituídos, de um lado, por situações de uso da língua, cujos contextos se assemelhassem nas quatro variedades linguísticas e, de outro, por dados que pertencessem a uma mesma sincronia. Tal necessidade nos levou, então, a compor esses *corpora* optando por entrevistas veiculadas em programas de auditório transmitidos em cadeia nacional por rede de televisão aberta.

Os resultados gerais permitiramm verificar que, em ambas as variedades do português, o **objeto nulo** é a forma preferida pelos falantes para a realização do OD**(**SN**)**, com frequência superior à soma da frequência de todas as outras variantes, resultado que aponta para um relativo equilíbrio nas frequências referentes a essa forma variante.

No entanto, apenas os resultados gerais não nos possibilitam afirmar que a natureza desse fenômeno variável é a mesma no PB e PE. Para tanto, é necessária uma análise mais refinada em que se efetue o cruzamento com grupos de fatores (tanto linguísticos, quanto extralinguísticos), no intuito de verificar se os contextos que favorecem a realização do OD nulo são semelhantes ou diferentes nas duas variedades linguísticas.

**Referências**

ARRUDA, Niguelme Cardoso. **A realização do objeto direto no português brasileiro culto falado***:* um estudo sincrônico. 2006. 201f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2006.

_____. **A realização do objeto direto em línguas românicas:** um estudo sincrônico no português e no espanhol. 2006. 165f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2012.

ÁVILA, Raúl. Radio, televisión y lengua: hacia la norma internacional del español. In: MORALES, Amparo; CARDONA, Julia; LOPES MORALES, Humberto; FORASTIERI, Eduardo. (Org.). **Estudios de lingüística hispánica***:* homenaje a María Vaquero. Puerto Rico: Editorial de la Universidad de Puerto Rico, 1999. p. 73-89.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. **O objeto nulo no português do Brasil:** um estudo sintático-diacrônico. Londrina: Editora da UEL, 1997.

_____. Elementos nulos pós-verbais no português brasileiro oral contemporâneo. In: NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática do português falado**: novos estudos. v. VII Campinas: UNICAMP, 1999. p. 595-625.

_____. Algumas diferenças entre o português brasileiro e o português europeu e a sua relação com a mudança sintática no português brasileiro. **Signum**, n. 4, p. 95-112, 2001.

DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. **Variação e sintaxe***:* clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. 1986. 73f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicado ao Ensino de Línguas). PUC, São Paulo, 1986.

_____. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando. (Org.). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Pontes, 1989. p. 19-34.

_____. **A perda do princípio "Evite pronome" no português brasileiro**. 149f. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

FREIRE, Gilson Costa. **Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana.** 2000. 107f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas / Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

GALVES, Charlote. **Ensaios sobre as gramáticas do português.** Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, Winfred Philipp; MALKIEL, Yakov. (Eds.). **Perspectives on historical linguistics**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982. p. 17-92.

_____. **Principles of linguistic change.** Vol. 1: Internal factors. Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of lingustic change**. Vol. 2: Social factors. Cambridge: Blackwell, 2001.

_____. **Padrões sociolingüísticos**. Trad.: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LUCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da lingüística moderna. São Paulo: Parábola, 2004.

MATOS, Maria Zelma Menezes de Santana. **A expressão do objeto direto anafórico nos falares urbanos itabienses**. 2003. 171f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2005.

RAPOSO, Eduardo. On the Null Object in European Portuguese. In: JAEGGLI, Osvaldo; SILVA-CORVALÁN, Carmen. (eds.) **Studies in Romance Linguistics**. Dordrecht and Cinnaminson: Foris Publications, 1986. p. 373-390.

_____. **Teoria da gramática: a faculdade da linguagem.** 2. ed. Lisboa: Caminho, 1992.

RAPOSO, Eduardo; KATO, Mary A. Obje(c)tos e artigos nulos em português europeu e o português brasileiro. In: MOURA, Denilda.; FARIAS, Jair. (Orgs.). **Reflexões sobre a sintaxe do português**. Maceió: Edufal, 2005. p. 73-96.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X:** A variable rule application for Macintosh and Windows. Toronto: Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SILVA, Maria Cristina Vieira de Figueiredo. **O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro**. 2004. 148f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Instituto de Letras, UFBA, Salvador, 2004.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Org.). **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1996. p. 69-105.

_____. **A pesquisa sociolingüística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Empirical foundations for a theory of language change**. In:

LEHMANN, Winfred Philipp; MALKIEL, Yakov. (Eds.). Directions for historical linguistics. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-195.

_____. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

*Recebido em: 30 de julho de 2016*
*Aceito em: 10 de setembro de 2016*